

ENTREVISTA

António Calçada de Sá / Presidente do Conselho da Diáspora Portuguesa

A diáspora portuguesa está em processo de alargamento da sua rede e de afirmação da sua atividade. Em entrevista ao NOVO, António Calçada de Sá, presidente do Conselho da Diáspora Portuguesa, diz que o objetivo é ajudar na concretização de uma estratégia com duas vias: cativar investimento estrangeiro e ajudar as empresas portuguesas a internacionalizarem-se

“Vamos tentar atrair investimento para Portugal e tentar ajudar empresas portuguesas no exterior”

Ricardo Santos Ferreira
rsferreira@medianove.com

Como poderemos caracterizar, atualmente, a rede da diáspora portuguesa?

A rede da diáspora portuguesa, hoje, é uma rede ainda em desenvolvimento, ainda em construção, mas que tem um propósito muito claro. Tem uma estratégia que está em execução e que tem apoios muito concretos; tem os apoios institucionais mínimos necessários, tem o apoio dos conselheiros, que estão espalhados por todo o mundo. Éramos 80, passámos a quase 160 e, nesta altura, somos 180 conselheiros de Portugal no mundo, divididos por mais de 30 países, em cinco continentes. A nossa ideia é fazer mais e melhor rede; queremos dar corpo a esse *soft power* que existe, que pode ajudar muito a imagem e o prestígio e a marca de Portugal no exterior, mas também pode ajudar, de certa forma, os interesses portugueses lá de fora para dentro. Estamos a falar de pessoas vinculadas ao mundo das empresas, das finanças, mas também de pessoas vinculadas ao mundo da academia, das ciências, da saúde, das artes, da cultura. Portanto, o Conselho da Diáspora, nesta altura, está a executar uma estratégia que está

partilhada, que tem um consenso, e é muito apoiada. **Que projetos têm em curso?** Temos alguns projetos muito interessantes que já estão em curso. Um é vinculado ao conhecimento de Portugal por parte dos lusodescendentes, um programa que se chama Erasmus + Diáspora, um projeto muito bonito que está a ser liderado por um dos conselheiros e que tem

“

A diáspora tem de fazer uma parte do trabalho e, falando da parte mais virada para a economia, os empresários, as empresas, os promotores, os grandes promotores de negócios, eles têm de fazer a parte deles”

como objetivo que os lusodescendentes possam vir a Portugal em determinados momentos da sua vida, nomeadamente os universitários, e possam fazer, por exemplo, cursos de verão e cursos de mestrado ou cursos de imersão em universidades portuguesas. Depois temos um projeto para o ensino do português de maneira transversal em todo o mundo, que se chama ponto pt, que é um projeto que está numa fase ainda muito inicial. Lançámos, há muito pouco tempo, os núcleos regionais da diáspora. Em cada grande região e nos países queremos os chamados focal points, ou seja, portugueses que depois vão ajudar a assegurar a execução da estratégia, para que isto não seja tudo também tão central. Nesse sentido, as coisas estão a evoluir; temos os núcleos regionais que já foram lançados, com dois responsáveis, um para África e para as Américas e o outro para a Europa e Ásia, em que esses coordenadores regionais têm, por baixo, uma rede importante de portugueses espalhados pelo mundo que vão ajudar a executar essa estratégia. Outro projeto é o lançado juntamente com o Conselho das Comunidades. Nós estamos a fazer uma aproximação ao Conselho das Comunidades e estamos a fazer uma

aproximação à chamada rede global, que já existia, que está inserida no âmbito da responsabilidade da Fundação AIP.

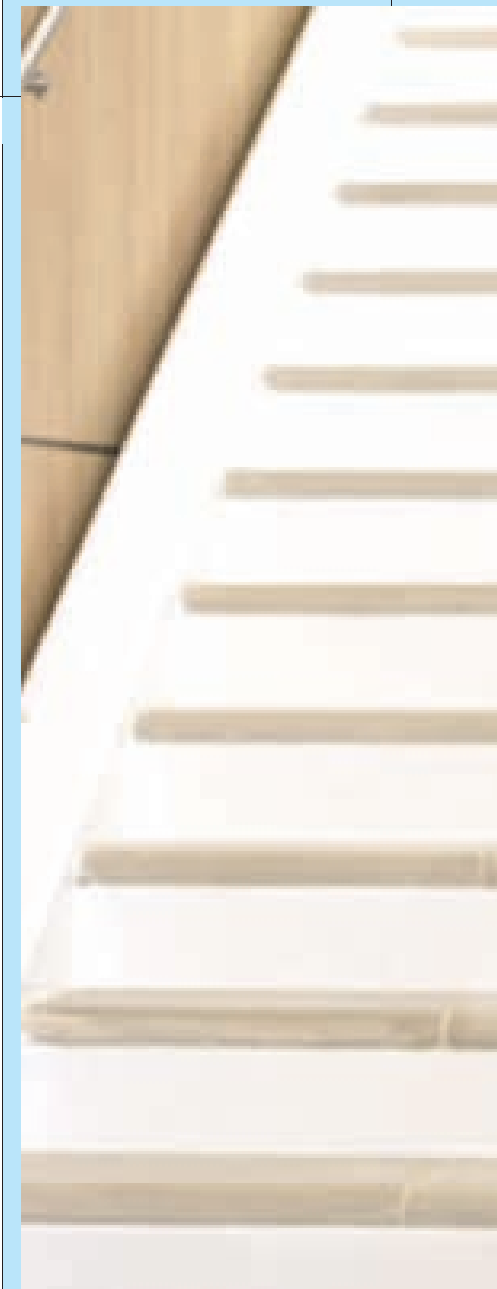
Qual é o objetivo?

Estamos a tentar juntar as peças todas. Ou seja, achamos que vamos fazer uma diáspora mais forte, mais moderna, mais jovem e mais inclusiva se, de facto, conseguirmos juntar todas estas forças. Estas forças, juntas, vão poder ajudar muito mais Portugal lá fora e vão poder ajudar muito mais Portugal cá dentro. Nós vamos tentar atrair investimento para Portugal, vamos tentar ajudar empresas portuguesas que queiram explorar oportunidades de expansão internacional. Evidentemente, não estamos para substituir nenhuma instituição; nós estamos para complementar, estamos para reforçar, para ajudar, e, por isso, também é muito importante o vínculo que nós temos com o próprio governo, e, dentro do governo, com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, cujo ministro é vice-presidente honorário do Conselho da Diáspora, mas também com os ministros da Economia [e do Mar], do Ambiente e da Ação Climática e com a própria Presidência da República, em que sua excelência o Presidente da República é o presidente

honorário do Conselho da Diáspora. Diria que a projeção internacional da diáspora, do Conselho da Diáspora, já é uma coisa imparável. Por exemplo, nós temos, neste momento, eventos internacionais de encontro da rede diáspora, nomeadamente aproveitando a agenda institucional do senhor Presidente da República. Por exemplo, este ano tivemos um grande encontro com a comemoração da aliança Portugal-Reino Unido; agora em setembro, vamos estar presentes num grande encontro de portugueses e da diáspora no Canadá, aproveitando a visita do Presidente da República, e, três dias depois, vamos estar com ele em Nova Iorque, num encontro de características similares.

O que pretendem com todos estes eventos?

Ora bem, estamos a tentar vincular, aproximar, unir mais os portugueses que estão em diferentes áreas. Nós temos





CRISTINA BERNARDO

grandes empresários que, se calhar, não estavam no radar e são pessoas que têm energia e têm motivação para ajudar em Portugal, em distintos ângulos; faz parte do propósito do Conselho da Diáspora fazer isto. Temos um calendário de atividades; isto não são coisas que acontecem, digamos, por inspiração momentânea. Nós temos um programa de atividades que está pensado e está organizado para o ano e estamos a executá-lo, e, até aqui, a única coisa que posso dizer é que, de facto, estamos com muito trabalho, mas muito satisfeitos.

De que forma pode a rede diáspora portuguesa ajudar a cimentar a ideia de uma rede de negócios em português, da diáspora portuguesa, mas também das de países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)? Há articulação entre os movimentos?

“
A parte da nossa relação com os países da CPLP é mais fácil e natural, porque nós temos aí vínculos históricos, sociais, culturais e empresariais de longa data”

Já existe alguma articulação, que ainda terá de ser, obviamente, melhorada; temos de conseguir mais expansão, mais impacto. A parte da nossa relação com os países da CPLP é mais fácil e natural, porque nós temos aí vínculos históricos, sociais, culturais e empresariais de longa data. Portanto, não é de estranhar que possamos ter uma relação bidirecional muito interessante com esses países. Mas nós não estamos a olhar apenas para os países da CPLP, estamos a falar para o conjunto da África; nós temos portugueses espalhados por todos os países em África. É uma região que tem e vai ter protagonismo, não temos dúvida nenhuma. Nós temos de conseguir entender África; não se pode ler sob um ponto de vista do que é extrativo, não. A ideia que nós estamos a apoiar é de relações biunívocas excelentes, e, portanto, temos de conseguir ajudar os países de

África e, juntos, em parceria, nós pensamos que temos muito para dar nesta relação que, ainda por cima, é uma relação entre continentes irmãos, entre países que têm uma história fabulosa para contar, apesar de muitos problemas, que também existiram e que não vamos ignorar. Esse potencial existe e, obviamente, com os países de língua oficial portuguesa há vantagens, e uma delas é que nos conhecemos, se calhar, de outra maneira, há mais tempo. Mas, para nós, o nosso foco é toda a África, sem dúvida nenhuma. **Olhando para o potencial de plataforma de negócios que uma rede como a diáspora tem, como é que os empresários podem aderir, em Portugal e fora?**

Penso que o interesse existe. A diáspora tem de fazer uma parte do trabalho e, falando da parte mais virada para a economia, os empresários, as empresas, os promotores, os grandes promotores de negócios, eles

têm de fazer a parte deles. Há dias, eu mencionava um grande projeto, por exemplo, que em determinada altura estava em curso na América Latina. Um grupo de empresas de um determinado país juntaram-se imediatamente e levaram as engenharias do seu país para o projeto; mas quando se juntaram as construtoras e as engenharias, levaram a banca do seu país para que fosse a plataforma para o financiar; e quando os três se juntaram, acabaram por levar a própria diplomacia económica atrás para ajudar, depois, a unir aquilo tudo. O resultado é que, de facto, esse conglomerado de empresas acaba por ser o adjudicatário desse grande projeto, que gera muita riqueza para essas empresas, gera maior valor de marca para o país que está a fazer isso, até porque, depois, é mais fácil [a partir] desse êxito partir para outras regiões do mundo e continuar a ter êxito. Quando nós, agora, estamos a comparar, por exemplo, com África, eu vejo coisas parecidas; os desafios e as oportunidades estão lá. Nós temos de conseguir juntar estas peças; todos temos de fazer a nossa parte. Não queremos substituir instituição nenhuma, de forma alguma; nós, o que pretendemos é estar sempre aí para ajudar. Conhecemos os projetos, sabemos onde estão, achamos que têm muito interesse e, agora, vamos tentar atrair empresas portuguesas. Os projetos que estão vinculados ao mundo empresarial da construção, das infraestruturas, etc., são uma parte. Se falar no mundo da saúde, se calhar, podíamos fazer uma leitura muito parecida para uma rede de hospitais em determinado país ou em determinada região; ou universidades, se estivermos a falar na parte da educação. Acredito é que nós temos de identificar bem as oportunidades e os projetos e, depois, temos de falar com as diferentes partes em Portugal e fora de Portugal e temos de estimular, porque, senão, as coisas, sozinhas, não avançam. Estou empenhado, estamos empenhados em que a diáspora portuguesa no mundo, a nossa rede de conselheiros, vai ser uma diáspora de grande utilidade para Portugal, para a marca e para o prestígio de Portugal. Não tenho dúvidas sobre isso.

LUSOFONIA

Diáspora portuguesa vai promover fórum entre Europa e Américas

Conselho da Diáspora Portuguesa quer replicar fórum entre Europa e África com evento que ambiciona servir para identificar oportunidades no continente americano. Responsável pela rede portuguesa defende que Portugal e Espanha podem juntar-se para serem uma importante plataforma de relacionamento com o resto do mundo

Ricardo Santos Ferreira
rsferreira@medianove.com

O Conselho da Diáspora Portuguesa vai promover, no próximo ano, um fórum para a promoção de relações entre a Europa e o continente americano, no seguimento da iniciativa que promove regularmente entre a Europa e África, o EurAfrican Forum, cuja sexta edição decorreu em julho, sob o lema “Aliança UE-África: oportunidades de crescimento”.

O EurAfrican Forum contou com a participação de mais de 60 oradores, no local, nas instalações do *campus* da Nova SBE, e através de meios de comunicação à distância, incluindo ministros de Angola, Cabo Verde e Gana; os ministros portugueses dos Negócios Estrangeiros, da Economia e do Mar, e do Meio Ambiente e Ação Climática; os chefes de Estado do Gana e de Portugal e embaixadores de vários países, altos representantes da União Europeia, empresários com interesses nos dois continen-

“

A Península Ibérica será, mais cedo ou mais tarde, uma grande plataforma entre a Europa e o resto do mundo”, diz António Calçada de Sá

tes e figuras relevantes dos setores da saúde, educação, energia, digital, investimento, infraestruturas e transportes. Falaram para uma audiência de mais de 500 pessoas em cada um dos dois dias do evento.

Agora, no próximo ano, será a vez de se concretizar a primeira edição do EurAmerican Forum, cujo modelo ainda está a ser estudado, mas que deverá ser semelhante ao do EurAfrican. “Vamos ver ainda qual é o formato mais adequado, mas eu diria que vamos tentar construir sobre este formato, que já está muito testado, que é o EurAfrican Forum, que está a correr muito bem”, diz o presidente do Conselho da Diáspora Portuguesa, António Calçada de Sá, em declarações ao NOVO.

O EurAfrican Forum tem sido uma aposta forte do Conselho da Diáspora e António Calçada de Sá pretende que seja, cada vez mais, um evento que tenha seguimento em projetos concretos.

“O *leitmotiv* deste EurAfrican 2023 foi The Global Gateway for Africa, que é, nem mais nem menos, uma aposta fortíssima da União Europeia que tem prevista a alocação para uma série de projetos estruturais em África 150 mil milhões de euros”, diz. Explica que o EurAfrican Forum foi “muito desenhado nesse sentido”, de identificar

projetos e agentes que os desenvolvam. “Começámos por ver as relações Europa-África, África-Portugal, e começando, por exemplo, pelas infraestruturas que é, digamos, um dos grandes défices, um dos grandes desafios que vamos ter em África, não só as infraestruturas para tudo o que tem a ver com a transição energética, por exemplo – produção de energia, energia renovável e transição energética –, mas infraestruturas terrestres do ponto de vista de estradas, autoestradas, mas também portos e aeroportos.” O foco é em projetos estruturantes que acabem por ser relevantes para o continente, e não só para cada país em particular. “Nós, neste EurAfrican, tentámos identificar os vários projetos e lá estavam presentes muitos dos empresários que têm essa atividade em Portugal e na Europa, e também em África”, acrescenta.

“Nós não queremos que [o EurAfrican Forum] seja mais um simples fórum de debate; nós queremos que seja um fórum de debate, mas com programas e projetos muito concretos que, depois, nós vamos tratar de fazer o seguimento e de dar conta desse seguimento, nomeadamente nas próximas reuniões”, afirma Calçada de Sá. Para o EurAmerican Forum, o objetivo será idêntico.

O presidente do Conselho da Diáspora Portuguesa considera que as oportunidades e os desafios estão identificados, “estão aí, estão em cima da mesa”, e defende que não só Portugal pode aproveitar esta capacidade mas também a Espanha o pode fazer, e haveria benefícios num trabalho conjunto. “Portugal, Espanha, a Península Ibérica serão, mais cedo ou mais tarde, uma grande plataforma entre a Europa e o resto do mundo, nomeadamente para os interesses que se podem desenvolver em África e os que se podem desenvolver, por exemplo, na América Latina”, afirma. “Portugal e Espanha, juntos, são uma plataforma excelente para as relações com África – onde, se calhar, nós temos muito caminho andado – e são uma plataforma excelente para a América Latina, onde a Espanha tem muito caminho andado”, aponta.

“O que nós queremos, de facto, é juntar estes elos, juntar estes pontos que são os portugueses que estão espalhados pelo mundo e tentar que esse *soft power* exista”, finaliza.

A sexta edição do EurAfrican Forum contou com a participação de mais de 60 oradores, incluindo ministros de Angola, Cabo Verde e Gana; os ministros portugueses dos Negócios Estrangeiros, da Economia e do Mar, e do Meio Ambiente e Ação Climática; e os chefes de Estado do Gana e de Portugal



CRISTINA BERNARDO